

240-89

22707

SERMAO,

QUE NAS EXEQUIAS

DO SERENISSIMO SENHOR INFANTE

D. FRANCISCO

Prégou no Real Convento de Thomar da Or-
dem de N. Senhor JESUS Christo em 14.
de Agosto de 1742.

O MUITO REVERENDO PADRE MESTRE

FR. CHRISTOVAO

DE MONCADA,

*Religioso da mesma Ordem, Lente Jubilado na Sa-
grada Theologia, e Reitor do Seminario do Real
Convento de Thomar.*

Dedicado por seu mesmo Author

AO MUITO REVERENDO PADRE MESTRE

FR. BERNARDO

DE MELLO,

*Presidente Geral da Ordem de Christo, e Superior
do Real Convento de Thomar.*



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA;
Impressor do Santo Officio.

Anno M. DCC. XLII.

Com todas as licenças necessarias.

1
H10

SERENA

QUE...

DO...

FRAN...

de...

CHRISTO...

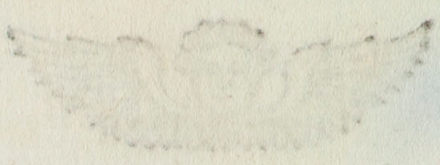
DE...

Dedicado por seu mesmo Author

AL MESTRO REV. ERNANDO PADRE MESTRE

FERRARDO

DE...



LISBOA

na...

...

L I C E N C A S.

DO SANTO OFFICIO.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

NAõ acho cousa alguma, que se oppo-
nha à nossa Santa Fé, ou bons costu-
mes neste Sermaõ prégado pelo R. P. M. Fr.
Christovão de Moncada nas Exequias do Se-
renissimo Senhor Infante D. Francisco; antes
está taõ conforme às regras da Oratoria Christã
com a intelligencia das Escrituras, que lhe dá
o commum dos Expositores, que em tudo a-
credita o Orador o seu talento, e illustra a
Religiosa Familia da Ordem de nosso Senhor
JESUS Christo, de que he filho benemerito;
em cujos termos me parece merecedor da li-
cença, que pede para estampar este Sermaõ,
sendo V. Eminencia Reverendissima assim ser-
vido. Convento de S. Francisco da Cidade de
Lisboa, o primeiro de Outubro de 1742.

Fr. Philippe da Conceição.

Vista a informação, póde-se imprimir o
Sermaõ, que se apresenta; e depois de
impresso tornará para se conferir, e dar licen-
ça que corra, sem a qual não correrá. Lis-
boa, 2. de Outubro de 1742.

Teixeira. Silva. Soares. Abreu. Amaral.

DO ORDINARIO.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Senhoria vi o Sermaõ, que nas Exequias do Serenissimo Senhor Infante D. Francisco, celebradas no Real Convento de Thomar, prégou o M. R. P. M. Fr. Christovão de Moncada, Religioso da Militar Ordem de Christo, Lente jubilado na Sagrada Theologia, e Reitor do Seminario da mesma Real Casa; e não achando nelle cousa alguma contra a Fé, ou bons costumes, me parece que se deve imprimir. Nelle se vê a natural idéa do discurso, porque nada he tão proprio como sentir hum Irmaõ a morte de outro Irmaõ; o que o Prégador mostra com aquellas razões, que dão a conhecer a grandeza da perda, descubertas, e achadas pela douta especulação do seu juizo: e juntamente se vê o como aquella Real Familia sabe desempenhar a sua obrigação no obsequio dos Principes, que a natureza fez netos do seu Real Fundador. Lisboa, nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares, 20. de Outubro de 1742.

D. Jozé Barboza C. R.

Vista

3
410

Vista a informação, se póde imprimir; e depois de impresso torne para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa, 20. de Outubro de 1747.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

Sylveira.

D O P A C, O.

S E N H O P.

POr ordem de V. Magestade vi o Sermaõ, que nas Exequias do Serenissimo Senhor Infante D. Francisco, celebradas no Real Convento de Thomar, prégou o M. R. P. M. Fr. Christovão de Moncada, Religioso da Ordem de Christo, Lente jubilado na Sagrada Theologia, e Reitor do Seminario do mesmo Convento: nelle não achei cousa alguma, que encontre o Real serviço de V. Magestade, vejo sim nelle retratadas muito ao natural as singularissimas prendas do Serenissimo Senhor Infante; e se os retratos são efficaz lenitivo da dor, occasionada da ausencia do que se perde, neste Sermaõ nos dá o seu Author efficaz remedio para as nossas magoas, pois nos immortaliza o Serenissimo Senhor Infante: he o que sentio Alexandre Magno, que vendo-se retratado ao natural, disse não temia a morte, pois o seu

o seu retrato o immortalizava ; e sendo retrato
he juntamente despertador , pois lendo este
Sermaõ emulem os animos presentes a fide-
dade , e amor , que seus passados mostráráõ
deixar-lhes por exemplo. Este he o meu pa-
recer. Lisboa, Convento de São Domingos,
aos 2. de Novembro de 1742.

Fr. João Baptista.

Que se possa imprimir vistas as licenças
do Santo Officio, e Ordinario ; e depois
de impresso tornará à Meza para se con-
ferir, e dar licença para que corra , que sem
ella não correrá. Lisboa, 3. de Novembro de
1742.

Teixeira. Vaz de Carvalho.

Doleo



Doleo super te frater mi. Ex 2. Reg. cap. 1.



TI, ò nocturno labyrintho de estrellas. (Serenissimo Senhor, a cujas augustas cinzas a mesma veneraçãõ, que me dobra os joelhos para o seu culto, me faz abrir os olhos para o meu desengano: *Omnes morimur.*) A ti, ò nocturno labyrintho de estrellas; a ti, ò palpitante Babylonia de luzes; a ti, ò elevado manancial de lagrymas, pede neste dia affombrada a minha razaõ, e supplica nesta hora confuso o meu temor, que me digas, que me exponhas, e que me declares, de quem saõ as Regias cinzas, que compassivo recatas aos nossos olhos, e que tyranno manifestas aos nossos discursos; que compassivo recatas aos nossos olhos, para que sejaõ menos evidentes as nossas perdas; e que tyranno manifestas aos nossos dis-

2. Reg.
14.v.14.

discursos, para que sejaõ mais ponderaveis as nossas ruinas.

2. Reg.
I. 26.

Se consulto as letras do meu thema, já vês que me diz o thema com o luto das suas letras, que estas Regias cinzas são ruinas de hum Irmaõ delRey de Israel: *Doleo super te frater mi Jonatha*; e se attendo ao clamor dos finos, já sabes que me respondem esses bronzes com o seu clamor, que estas Regias cinzas são reliquias de hum Irmaõ delRey de Portugal. E que me dizes tu com as vozes das tuas lagrymas, pois em semelhantes casos, ou occasos tambem as lagrymas são vozes: *Interdum lachrymæ pondera vocis habent?* Mas já vejo que me dizes, que com os olhos naquella ruina dê eu por evidente a nossa perda; e já ouço que me respondes, que pela ruina, que chora ElRey David, regule eu a perda, de que se lastima, e tanto se lastima o nosso Augustissimo Rey: *Doleo super te frater mi.*

I. Mac.
I. v. 42.

Gen. 42.
v. 38.

Basta, basta. Logo já S. Alteza espirou? Sim; já espirou S. Alteza: *Sublimitas ejus conversa est in luctum.* Logo já morreo o Irmaõ delRey? Sim; já a ElRey morreo o seu immediato Irmaõ: *Mortuus est*

est frater ejus. Mas oh Ceo ! E se quizera hoje a vossa cõmiseraçãõ que havendo entre ElRey de Israel , e ElRey de Portugal a mais estreita semelhança em quanto às Monarquias , em quanto às armas , e em quanto às prendas , não houvesse entre hum, e outro Rey a menor analogia em quanto à razaõ das penas , em quanto ao motivo das magoas , e em quanto ao incentivo das dores : *Doleo super te frater mi!* Ha entre ElRey de Portugal , e ElRey de Israel a mais estreita semelhança em quanto às Magestades ; porque se ElRey de Israel foy hum Monarca , a quem Deos fez Rey : *Constitutus sum Rex ab eo* , tambem o Monarca de Portugal he hum Rey , a quem o mesmo Deos fez Monarca : *Volo in te , & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* Ha tambem entre estes Reys a mais estreita semelhança em quanto às armas ; porque se ElRey David tinha por armas as cinco Chagas , figuradas nas suas cinco mysteriosas pedras : *Quinque David lapides erant quinque Christi plaga* , tambem ElRey D. Joaõ tem por armas as mesmas cinco Chagas , explicadas em as suas sagradas quinas. Se ElRey David tinha por armas a Cruz , figura-

2. Reg.
1. 26.

Psalm.
2. 6.

Vieira.

1. Reg.
17. 40.

gurada no seu baculo: *Quem semper habebat in manibus*, tambem ElRey de Portugal tem por armas o lenho, e final da Cruz: *In hoc signo vinces.*

Camões
Lusiad.

*No qual nos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou.*

Pfalm.
21. 15.

Pfalm.
17. 35.

Ha finalmente a mais estreita semelhança entre estes dous Monarcas em quanto às prendas (e aqui, ò inepta, e toisca lingua, has de clausurar o mar em huma concha;) porque se David era hum Rey, que tendo hum coração de cera: *Factum est cor meum tanquam cera*, tinha huns braços de bronze: *Posuisti ut arcum æneum brachia mea*, tambem ElRey D. Joaõ he hum Rey, que tendo huns braços de bronze, tem hum coração de cera: hum coração de cera pela brandura, com que trata aos seus vassallos; e huns braços de bronze pela fortaleza, com que triunfa de seus inimigos; e se naõ, dize-o tu, ò India, e dize, se là nesse Oriente do Sol foy o bronze de Portugal hum rayo, e hum trovaõ, que te deo a conhecer, e a sentir a fortaleza do braço do nosso Rey.

Ha tambem entre ElRey David, e o Serenissimo Rey D. Joaõ a mais estreita semelhança

me-

melhança em quanto às prendas ; porque se David era hum Rey tão pio , e tão religioso , que ao Corpo de Deos , figurado em a Arca do Testamento , fazia huma Procissão muito solemne : *David, & omnis domus Israel ducebant Arcam Testamenti Domini in jubilo , & in clangore buccinae* , El Rey D. Joaõ he hum Rey tão religioso , e tão pio , que ao Corpo de Deos em o Sacramento do Altar faz todos os annos a mais solemne Procissão. Se El Rey David era hum Rey tão religioso , e tão pio , que em a Sagrada poezia dos Psalmos exercitava grande parte dos seus estudos : *Stare fecit Cantores contra Altare , & in sono eorum dulces fecit modos* , El Rey D. Joaõ em a Ecclesiastica composição dos Coros he que occupa não pequena parte dos seus cuidados. Em fim se David era hum Rey tão prudente , e tão politico , que para seus Ministros escolhia os mayores talentos , como o testemunha hum Cusay , e hum Aquitofel , El Rey de Portugal he tão politico , e prudente , que elegeo os mayores talentos para seus Ministros ; e se não , diz-o tu , ò Mitra de Lamego , Fenix morta em hum Doutor nosso , e renascida em

2. Reg.
6. 15.

Eccles.
47. 11.

outro nosso Doutor ; para aquelle , que te
aceitou , mitra , porque o finalastes Bispo ;
e para este , que te repelio , tiara , porque
o finalas Padre Santo.

Mas sendo estes dous Monarcas tão se-
melhantes nas prendas , ainda no motivo
das penas não são menos semelhantes ; e
se não , dizey-me vós , ò egregio David , e
dizey-me tambem vós , ò magnanimo João ,
que he o que sentis , que he o que chorais ,
e que he o que padeceis ? Eu , diz David ,
finto , choro , e padeço a morte de meu
Irmaõ Jonathas : *Doleo super te frater mi
Jonatha*. Eu , diz ElRey D. João , padeço ,
choro , e finto a morte de D. Francisco
meu Irmaõ : *Doleo super te frater mi*. Gran-
de deve ser a perda , que sentis nesta
morte , que chorais ; pois não vos caben-
do a dor no coração , là se nos faz percep-
tivel pelas suas , e vossas expressões essa
dor : *Doleo!* Sim ; he tão grande a minha
perda , diz hum , e outro Rey , ElRey Da-
vid , e ElRey D. João ; mas ouçamos ao
Senhor D. João , que he o mesmo que ou-
virmos a David : he pois a minha perda
tão grande , que na morte de Jonathas (não
digo bem) que na morte de D. Francisco
perco

2. Reg.
I. 26.

perco não menos que hum Irmaõ Infante,
e o primeiro Infante: *Tu regnabis super Is-*
rael, & *ego ero tibi secundus*: perco não
menos que hum Irmaõ valeroso, e mais
que valeroso: *Saul*, & *Jonathas leonibus*
fortiores: em fim perco não menos que hum
Irmaõ amigo, hum amigo d'alma, hum
fidelissimo amigo: *Dilexit eum Jonathas*
quasi animam suam. Esta pois he a minha
perda; mas por isso tambem he esta a mi-
nha dor: a perda he taõ grande, que de
hum só golpe me leva, ou me rouba em
D. Francisco a morte hum Irmaõ amigo,
hum Irmaõ valeroso, e hum Irmaõ Infan-
te; e daqui o que se me segue he, que na
morte deste Irmaõ Infante, em quanto In-
fante, sinta eu ultrajada a purpura do meu
sangue; na morte deste valeroso Irmaõ,
em quanto valeroso, reconheça eu enfra-
quecida a fortaleza do meu braço; e na
morte deste amigo Irmaõ, em quanto ami-
go, chore eu extincta a redamação do meu
peito; e assim correspondendo a dor à per-
da, que muito he que não cabendo a per-
da, como creyo, no coração de todo o
meu Reino, não caiba tambem a dor no
coração deste seu Rey; e eis-ahi porque
desde

1. Reg.
23. 17.

2. Reg.
1. 23.

1. Reg.
18. 1.

2. Reg.
1. 26.

desde o coração tanto se me explica pela voz esta cruel, esta tyrana, esta triplicada dor: *Doleo super te frater mi.*

Senhor, lembrado estou de ler em o Oraculo do Pulpito, que quem muito ama, até perigos impossiveis teme: *Qui ardentius diligit, adhuc impossibilia timet*; e vendo-vos eu hoje sobre tão pouco melhora-do tão afflictamente saudoso, claro está que amando-vos muito, hey de temer não pouco: hey de temer que seja a dor, que padeceis na morte de vosso Serenissimo Irmão, mais executiva em vós, do que o foy em David; pois na morte de Jonathas este grande Rey não tinha outra afflictção, que se complicasse com a sua dor; e assim já que as sombras do meu temor não me chegão a apagar a luz da razão, hey de ver se prevalecendo a minha razão contra o nosso temor, posso fazer que não seja em vós mais efficaz a vossa pena, do que foy em David a sua magoa, por mais que humana, e outra convenhão tanto entre si, que quasi não tenham a menor distincção, ou em quanto aos motivos, ou em quanto aos fugeitos; em quanto aos fugeitos, porque as padecem ElRey David, e ElRey D. João; e em

e em quanto aos motivos , porque assim hum , como outro Rey sentem na morte de hum Irmão em huma perda trez perdas ; vós , e David a perda de hum Irmão Infante , e o primeiro Infante : *Tu regnabis super Israel , & ego ero tibi secundus ;* vós , e David a perda de hum Irmão valeroso , e mais que valeroso : *Saul , & Jonathas leonibus fortiores ;* em fim David , e vós a perda de hum Irmão amigo , e cordeal amigo : *Dilexit eum Jonathas quasi animam suam : Doleo super te frater mi.*

1. Reg.
23. 17.

2. Reg.
1. 23.

1. Reg.
18. 1.

PRIMEIRO PONTO.

L Astima-se , doe-se , afflige-se Sua Magestade na morte do Senhor Infante D. Francisco. E porque ? Porque nesta morte presume duas vezes profanada a sua pessoa : huma no sangue da purpura , outra na purpura do sangue : huma no sangue da purpura por parte da Magestade , vendo no Senhor D. Francisco morto hum Irmão ; que era Infante ; e outra na purpura do sangue , contemplando em o mesmo Senhor morto hum Infante , que era seu Irmão. E vendo acabar na sua companhia este

este Irmão , e este Infante , que razão ha de persuadir ao nosso temor , que o mesmo golpe , com que a morte tirou a vida a este Irmão delRey , não a tirou tambem, e vay tirando a qualquer outro de seus Regios Irmãos?

Logo que Absalão foy o Caim de Amon , chegou esta noticia aos ouvidos delRey David , dizendo , que erão mortos todos os filhos delRey : *Fama pervenit ad David, dicens : Percussit Absalon omnes filios Regis , & non remansit ex eis saltem unus.* Quiz Jonadab , sobrinho do mesmo David , desmentir esta noticia , e noto que para persuadir que só Amon era o morto , não só empenhou na persuasão huma , e outra vez a voz : *Solus Amon mortuus est . . Solus Amon mortuus est* , senão tambem a demonstração : *Ecce filii Regis adsunt juxta verbum servi tui.* E pois valha-me Deos, e tão pouca authoridade tem hum sobrinho delRey para desmentir aquella noticia , e tão difficil he de se aceitar esta verdade , que para se aceitar huma , e desmentir outra não baste huma , e outra persuasão da voz , mas que ainda seja precisa a evidencia da demonstração : *Ecce filii Regis*

2. Reg.
13. 30.

Ibid. 32.
& 33.

Ibid. &
35.

gis adsunt: ecce? Não baste, torno a dizer, a fé, ou a opiniaõ dos ouvidos, fenaõ tambem que seja precisa a evidencia, e exame dos olhos: *Ecce adsunt?* Com muita razãõ. Todos os filhos de David eraõ Irmãos de Amon, eraõ pessoas Reaes: *Ecce filii Regis*; em fim eraõ filhos de David, que se não era o segundo dos Pedros de Portugal, era o segundo dos Reys de Israel: sabia-se que naquelle dia morrêra em Amon hum Infante seu Irmão, e o primeiro Infante; e he taõ difficil de se assentar, que a morte, que tirou a vida a hum, não privou tambem da vida aos mais, que para se persuadir esta proposiçaõ não basta a opiniaõ, ou a fé dos ouvidos, mas he tambem precisa a demonstraçaõ dos olhos; não basta que este systema, para que se crea, se diga, mas he preciso que, para que se abrace, se veja: *Ecce filii Regis adsunt: juxta verbum servi tui.* 2. Reg. 13. 35.

Nem faz que contra a conjectura do nosso receyo saya a campo o antigo Proloquio, dizendo a todo o Portugal, a toda a Europa, e ao mundo todo: *Ab assuevis non fit passio*, isto he, que estando El-Rey, que Deos guarde, costumado a estas

penas, já não estranhará a presente amargura. E porque? Porque este golpe fere-o de mais perto que os outros golpes; este eclipse assombra-o de menos distancia que os outros eclipses. Day-me attenção. No firmamento do Palacio apagou a morte aquellas duas Estrellas, por quem chora sem luz a nossa Lusitania, e suspira sem dita a nossa faudade: a primeira em a Senhora Dona Teresa, e he certo que não morreo S. Magestade, vendo em sua companhia apagar-se esta luz, e cahir esta Estrella: a segunda em a Senhora Dona Francisca, e he evidente tambem que ElRey não morreo, vendo na sua companhia cahir esta Estrella, e apagar-se esta luz. Oh memoria! E para que nos fazes presente esta formosura, se por mais que as tuas especies a finjaõ com alma, sempre as nossas experiencias a haõ de chorar sem vida?

Eclypsa hoje finalmente a morte em o Senhor Dom Francisco aquelle segundo, e grande Planeta de todo este Reino, e não podemos com especial razaõ temer que se eclipse mortalmente o nosso Sol com a morte deste Planeta, ou deste Irmaõ, ainda que não imitasse nas suas ruinas aquellas

las

las duas Estrellas, aquellas suas bellissimas Irmãs? Sim. E porque? Ora deixay-me explicar assim. Porque a morte em aquellas duas Irmãs, ou duas Estrellas profanou-lhe a Magestade em mayor distancia; e neste Planeta atreve-se à Soberania com mais propinquidade; porque no Senhor D. Francisco, neste segundo Planeta, tinha o seu primeiro Irmão, depois de si, o nosso Sol; tinha o nosso Sol hum Planeta, que sahio à luz do mundo logo depois que o mesmo Sol sahio em o mundo à mesma luz:

O que a João seguir no nascimento,
Hum Francisco ha de ser, q̄ em tenros annos
Mostrará no valor o raro alento
De seus progenitores Soberanos.

Tojal
no Poema de
Carlos
Reduzido.

E supposta esta aproximação em o nascimento, quem os não temerá Irmãos no eclipse? Vamos à Escritura. No ultimo dia, diz o Euangelista, que a Lua se ha de eclipsar, que o Sol se ha de escurecer, e que as Estrellas haõ de cahir: *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum, & Stelle cadent de Cælo.* E bem. E porque não se ha de irmanar o Sol com as Estrellas, cahindo como as Estrellas: *Stelle cadent*, e ha de irmanar-se com a Lua, eclipsando-

Matth.
24. 29.

fando-se como a Lua: *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum?* Esperay. Assim o Sol como a Lua, sendo todos huns individuos Lusitanos, são irmãos das Estrellas, e tão irmãos, que nenhum delles tem outro pay mais que Deos, nenhum delles tem mais pay que o Pay das luzes: *Descendens à patre luminum*; porque só o Pay das luzes, só Deos, a quem David chamou pedra: *Dominus petra mea*, he que he seu Pay: *Fecit Deus duo luminaria magna, luminare maius, ut præesset diei, & luminare minus, ut præesset nocti, & stellas.* E pois se o Sol he irmão das Estrellas, e da Lua, porque não imitando as Estrellas nas quedas, ha de irmanar-se com a Lua nos eclipfes: *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum?* Dizey-me: Quando em ordem aos olhos do Mundo sahio à luz o Sol, a Lua, e as Estrellas? O Sol he certo que sahio à luz do Mundo primeiro que a Lua, e que as Estrellas; e a Lua he sem duvida que sahio à luz primeiro que as Estrellas, e logo immediatamente depois do Sol: *Luminare maius, ut præesset diei, luminare minus, ut præesset nocti, & stellas.* Pois eis-ahi perque o Sol se irmana mais com o
Pla-

Jacob.
I. 17.

Genes.
I. 16.

Matth.
24. 29.

Planeta menor , que se eclipfa , do que com as Estrellas , que cahem : *Sol obscurabitur , Luna non dabit lumen suum , Stellæ cadent de Coelo.* Aqui todo o accommodar parece repetir. Já sabeis , Senhores , que em a esfera da nossa Lusitania a luz , e o Planeta mayor he o Lusitano Joaõ ; mayor em quanto Joaõ : *Non surrexit maior Joanne* ; e Planeta , e luz em quanto Lusitano : *Luminare* : a luz , ou o Planeta menor he o Infante D. Francisco ; mas se menor (deixay-mo assim dizer) em quanto Francisco , em quanto Lusitano taõ grande Planeta , que na esfera da Lusitania , ou da luz podia compôr hum *duo* sem dissonancia com o mesmo Sol : *Fecit Deus duo luminaria magna* : e as Estrellas saõ os mais Irmãos Lusitanos , que sahiraõ à luz do Mundo depois da Lua , e do Sol , depois do menor Planeta , e do Planeta mayor , em fim depois delRey D. Joaõ , e do Senhor Infante D. Francisco. Logo sendo isto assim , porque não ha de conjecturar o nosso temor , que ainda que o nosso Sol não se irmanasse com as Estrellas nas quedas , deixará de se irmanar com o Planeta menor nos eclipfes , sendo o Planeta menor

Matth.
11. 11.

Matth.
24. 29.

Genes.
1. 16.

o Senhor Infante D. Francisco, que sahio à luz do Mundo logo depois que o Planeta mayor, logo depois que o Senhor Rey D. Joaõ sahio em o Mundo à luz: *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum, Stellæ cadent de Cœlo: Fecit Deus luminare maius... & luminare minus... & stellas.*

Esta he, Senhores, a razão do nosso temor; mas o certo he que o nosso temor não terá muita razão; porque tão longe esteve a morte de profanar a regalia da Magestade no eclipse de Sua Alteza, que antes trasladando-o (como logo direy) que antes trasladando-o da esfera Lusitana a essa mais que luzida, e luminosa esfera, veyo a igualar em a regalia com Sua Magestade a S. Alteza, que esta he não menos a igualdade, que consegue hum Regio Irmão, se chegou a ter estrella na coroa do Ceo.

Exod.
28. 17.

Figurando-se aquelles Regios Irmãos, os filhos de Israel, nas pedras preciosas da vestidura de Arão: *Ponesque in eo quatuor ordines lapidum; in primo versu erit lapis sardius, & topazius, & smaragdus;* e figurando-se tambem, como quer o commum dos Doutores, em as estrellas daquelle grande

de enigma, que vio S. Joaõ no Apocalypse: *Signum magnum apparuit in Coelo . . . & in capite ejus corona stellarum duodecim*, reparo eu não tanto em que os Irmãos, que na vestidura de Araõ são pedras, ainda que preciosas, sejam na coroa daquelle enigma estrellas soberanas, quanto em que na vestidura de Araõ, figurados em as pedras, tenham estes Regios Irmãos duas distinções, huma no ser, outra no lugar, e figurados nas estrellas da coroa daquelle enigma nenhuma distinção tem nem em quanto ao lugar, nem em quanto ao ser: em as pedras tem distinção em quanto ao ser, porque a primeira he sardio, ou rubi, pedra, que se veste de purpura; e a segunda he topazio, pedra, que se veste de cor pallida, cor da morte: *Pallida mors*: e em quanto ao lugar, porque o rubi está anteposto ao topazio, e o topazio posposto ao rubi: *In primo versu erit lapis sardius, & topazius, &c.* e nas estrellas da coroa não tem nem distinção em quanto ao ser, nem em quanto ao lugar; porque na coroa daquelle enigma assim o rubi, como o topazio ambos estão transformados em estrellas; e nem o rubi está, em quarta estrellas, anteposto

Apocal.
12. 1.

Hic Castilh. de
Vestibus

Horat.

12410

o topazio, nem o topazio, transformado em estrella, está posposto ao rubi: *In capite ejus corona stellarum.* E pois qual será ao nosso intento a mayor razão, por que estes Regios Irmãos em a vestidura tem tanta distincção, e em a coroa tem tanta igualdade?

Ora com huma pergunta vos quero dar a resposta. Dizey-me: As pedras onde tem a sua existencia, ainda que sejam as mais preciosas? Na terra. E as estrellas onde tem a sua morada, ainda as menos soberanas? No Ceo; e por final que estes Irmãos, figurados nas estrellas, apparecião no Ceo: *Signum magnum apparuit in Coelo*, e figurados nas pedras estavam na terra, que até este significado se acha em Arão, como a vossa curiosidade o póde ler em a Biblia: *Aram, id est, mons, sive montanus.* Pois eis-ahi porque o Irmão, que na terra he topazio posposto ao rubi, no Ceo sendo estrella o rubi, e sendo estrella o topazio, nem tem distincção no ser, nem desigualdade no lugar; porque ao menos em ordem a nós, nem a estrella, que foy topazio vestido da pallidez da morte, se põe à estrella, que he rubi vestido do sangue

gue da purpura , nem o rubi , que he estrellla , se antepõe à estrellla , que foy topazio : *In capite ejus corona stellarum duodecim : In primo versu erit lapis sardius , & topazius* : e notay de caminho , e muito ao nosso intento , que o Irmaõ , que he rubi em a terra , não tem mais gala que huma purpura caduca ; e o Irmaõ , que he estrellla em o Ceo , não tem menos esfera que huma coroa eterna , como o prova , ainda que em cifra , a esfera da mesma coroa : *In capite ejus corona stellarum.*

Sim. Mas quem nos prova ou por parte da nossa conjectura , ou por parte da nossa piedade , que o Senhor Infante , que não tem de filho de Israel mais que o ser gerado por hum pay , que ha perto de quarenta annos está , como piamente se crê , vendo a Deos : *Israel , id est , videns Deum* , tem passado já por meyo da morte da terra ao Ceo , de topazio a estrellla , e de Alteza a Magestade ? Quem ? As ultimas acções da sua vida ; porque das mais acções o mesmo descuido , que as negou à minha noticia , tambem as retirou à minha ponderação.

Deo o fatal estupor em Sua Magestade (e não sey como por atrever-se a tanta Ma-

gestade não chegou a pasmar-se de si o mesmo estupor) e achando-se ElRey nosso Senhor entre aquellas calamidades, e misérias, de que ainda não convalesceo o nosso susto, e leva muito mal o nosso soffrimento; entre as calamidades, e misérias de enfermo, sendo quasi mortal a sua enfermidade; entre as calamidades, e misérias de prezo, sem ter liberdade para mover hum pé, nem huma mão; entre as misérias, e calamidades de peregrino, sahindo por força da sua doença da Corte de Lisboa até às Caldas da Rainha; e não lhe assistio seu Irmaõ o Senhor D. Francisco com fraternal affecto em todas estas misérias, e calamidades? He sem questaõ que lhe assistio. Pois eis-ahi porque por meyo da morte este Regio Irmaõ delRey nosso Senhor passou não digo eu de ser Infante a ser Principe, porque isto não era igualar-se a Alteza com a Magestade; mas de ser Infante a ser Rey, porque assim he que se faz igual com o rubi o topazio, e com a Magestade a Alteza.

Entaõ dirá (diz Christo em o cap. 25. de S. Mattheus na parabola do dia do Juizo) entaõ dirá ElRey àquelles, que tiver
à sua

à sua mão direita , estas palavras : *Venite benedicti Patris mei , possidete paratum vobis Regnum.* Antes que entre o meu discurso a fazer hum reparo neste Texto , hey de fazer neste primeiro este supposto ; e vem a ser , que aonde a nossa vulgata lê *Venite benedicti Patris mei* , lê S. Valerio , a quem neste lugar refere o Sylveira : *Venite filii Patris mei* , que he o mesmo , que se o Rey dissera : Vinde Infantes meus Irmãos ; meus Irmãos , porque filhos do mesmo Pay ; e Infantes , porque Irmãos de mim ElRey : *Tunc dicet Rex.* Vinde pois a ver , a gozar , a metter-vos de posse do vosso Reino. Do vosso Reino ? Aqui o meu reparo. Em Deos assim como ha Reino : *Adveniat Regnum tuum* , tambem ha Principado : *Factus est Principatus super humerum ejus.* E pois porque não diz o Rey : Vinde Infantes meus Irmãos : *Venite filii Patris mei* , tomar posse do vosso Principado , senão do vosso Reino ? Ora dizey-me duas cousas : a primeira , que dominio se explica com o nome de Reino , e com o nome de Principado ? E a segunda , que acção , e que obsequio tinhão feito estes Irmãos Infantes àquelle Rey seu Irmão ? Com o nome de Principado dir-

Matth.
25. 34.

Sylveir.

Matth.
25. 34.Matth.
6. 10.

Isai. 9. 6.

me-heis que não se explica dominio, que faça igual com a Magestade a Alteza; e com o nome de Reino he certo que se exprime hum mando, em que o que foy Alteza se faz igual com a Magestade: e dir-me-heis tambem, que o obsequio, e a acção, que tinhaõ feito estes Irmãos Infantes àquelle Rey seu Irmão, era o terem-lhe assistido nas suas calamidades, e miserias; na miseria, e calamidade de enfermo: *Infirmus fui, & visitastis me*; na miseria, e calamidade de prezo: *In carcere eram, & venistis ad me*; e na miseria, e calamidade de peregrino: *Hospes eram, & collegistis me.*

Como pois aquelles Irmãos Infantes tinhaõ assistido a ElRey seu Irmão em tantas calamidades, e miserias, eis-ahi porque a cada hum não se havia de metter de posse só de hum Principado, porque isso era por meyo da morte passallo de Infante a Principe, sem igualar com a Magestade a Alteza; mas sim de posse de hum Reino, porque isto era elevallo de Infante a Rey, era igualar a Alteza com a Magestade, com a Magestade de Rey: *Tunc dicet Rex, a Alteza de Infante: Venite filii Patris mei, possidete paratum vobis Regnum.*

Logo se a morte anticipou no premio aos mais Infantes seus Irmãos ao Senhor Infante, que Deos tem, não tem El Rey nosso Senhor que sentir algum ultraje, que em a sua pessoa lhe fizesse a morte à Soberania; e assim desvanecida com a luz da razão a conjectura do temor, assentemos que não tem o nosso temor razão para conjecturar que será mais effcaz na perda do Senhor D. Francisco a dor del Rey de Portugal, do que o foy a mesma dor em a perda de Jonathas seu Irmão naquelle Rey de Israel; e que assim como a dor naquelle Rey de Israel não lhe tirou o ser David, assim tambem em o nosso heroico Rey não ha razão, para que receye o temor que lhe tire o ser da vida, ainda que seja tão grande esta pena, que não lhe cabendo em o coração, busque o seu desafogo em a voz: *Doleo super te frater mi.*

SEGUNDO PONTO.

DOe-se, lastima-se, enternece-se Sua Magestade na morte do Senhor Dom Francisco, porque nesta morte perde hum Principe valeroso, e hum Irmão alentado.

E não

E não ha nesta perda hum muito efficaç motivo , para que hum animo real finalmente padeça ; para que hum heroico Rey intensamente suspire ; e para que hum Augusto Monarca extremosamente se doa ? Sim ; antes digo que posta de huma parte a perda , que resulta a ElRey nosso Senhor da morte do Senhor Infante , em quanto Irmaõ Infante , e posta da outra parte a perda , que lhe resulta da morte deste Principe valente , em quanto valente , mayor sentimento lhe mereceo esta perda que aquella perda , esta morte que aquella morte , esta ruina que aquella ruina.

2. Reg.
4. 11.

Deraõ noticia a ElRey David , como se differamos a ElRey D. Joaõ , da morte do Infante Isboseth , e não mostrou grande sentimento nesta morte : *Quantò magis nunc, cùm homines impii interfecerunt in domo sua virum innoxium.* Daõ-lhe tambem a nova

Ibid. 2.
38.

de que era morto o Principe Abner : *Princeps maximus cecidit hodie* , e diz o Texto

Ibid. 2.
33.

que sentio extremosamente esta nova : *Plan- gens Rex , ac lugens Abner ait : Nequaquam, ut mori solent ignavi , mortuus est Abner.* Mas se David em a noticia da morte de Isboseth via que perdia hum Irmaõ Infante , como
filho

filho de hum Rey , que em muitas occa-
 fiões tinha chamado ao mesmo David seu
 filho : *Revertere fili mi David: Benedictus*
tu fili mi David; e em Abner perdia hum
 Principe , de quem não leyo que o tivesse
 nunca por Irmaõ , como David naquella
 morte mostra taõ pouca pena , e nesta per-
 da verte tanta lagryma : *Plangens , ac lu-*
gens ait? Direy. Em Isbofeth não perdia
 David hum Infante valente , pois não consta
 que fosse valente Isbofeth : *Non poterat*
respondere ei quidquam , quia metuebat illum;
 e em Abner perdia hum Principe valeroso;
 pois do mesmo David consta que era va-
 leroso Abner : *Nequaquam , ut mori solent*
ignavi , mortuus est Abner; e para a estima-
 ção de hum Rey , como hum David , ou
 para o apreço de hum Monarca , como El-
 Rey D. Joaõ , mais digna de sentimento
 he a perda , que experimenta na morte de
 hum Principe , que he muito valente , do
 que na falta de hum Irmaõ , que não he
 valeroso : *Non poterat respondere ei quid-*
quam : metuebat illum : Nequaquam , ut mo-
ri solent ignavi , mortuus est Abner.

1. Reg.
26. 21.
Ibid. 26.
25.

2. Reg.
3. 11.

Deixando a applicaçãõ do Texto à perf-
 picacia do meu auditorio , só resta saber-
 mos

I. Reg.
17. 36.

Cantic.
3. 7.

mos com que se prova que fosse valente o Senhor Infante, sendo assim que nem Marte o vio brandir no campo a lança, nem Bellona o vio no mar desembainhar a espada. Seria por ventura porque desafiando o touro mais sanhudo, e provocando o javali mais cerdoso, a este lhe troncava as prezas, e àquelle lhe torcia as pontas? Não era má prova esta para a sua valentia; pois querendo David provar o seu valor diante delRey Saul, he certo que tomou por meyo termo da sua valentia tirar a vida a huma, e outra fera: *Leonem, & ursum interfeci ego*. Seria por ventura o trazer este Principe espada, quando qualquer outro Cortezaõ cingia espadim? Com o espadim o Cortezaõ todo França, e com a espada o Senhor D. Francisco todo Portugal? Tambem esta prova da sua valentia não era má prova: *En lectulus Salomonis; quinquaginta fortes ambiunt omnes tenentes gladios ad bella doctissimi*. Olhay que não diz o Texto *gladiolos*, senão *gladios*; e assim sem sahirmos da sua espada, para prova da sua valentia, juntemos-lhe mais huma circumstancia.

Querendo eu saber qual seria a etymolo-

mologia deste nome Francisco , consultey
o Padre Cornejo em a primeira parte da
sua Historia Serafica , e diz este eloquen-
tissimo Padre na dita Historia , que a ety-
mologia deste nome se acha em a lingua
Franceza , e que nesta lingua o mesmo he
Francisca , ou Francisco , que espada ; o que
supposto , infiro assim : Logo o Senhor D.
Francisco era hum Principe Portuguez ,
que trazia o seu nome na sua espada ? Ou
hum Senhor Lusitano , que tinha a sua es-
pada no seu nome ? Não se póde negar.
Logo , torno a inferir , se este Principe ti-
vesse occasiaõ de sahir a campo , não po-
damos conjecturar que triunfaria de to-
dos , e se faria Senhor de tudo ? Sim po-
damos.

Jã sabeis que Christo por meyo da sua
Cruz se fez Senhor de tudo , e triunfou de
todos : *Cùm exaltatus fuero à terra , omnia*
traham ad me ipsum. Mas noto que este
triunfo o attribuo a si este Principe , e Prin-
cipe todo Lusitano , porque todo luz : *Ille*
erat lux hominum ; mais quando em o Cal-
vario havia de ter a Cruz nos braços : *Cùm*
exaltatus fuero , que quando em o Pretorio
havia de levar sobre o hombro a mesma

E

Cruz :

Cornej.

Joann.
12. 32.Vieir. na
part 12.
verb.
Lusitan.

Cruz : *Cùm exaltatus fuero à terra , omnia traham ad me ipsum.* E pois se este Heroe Portuguez , e taõ Portuguez , que nas armas de Portugal tem as suas armas : *In hoc signo vinces* , era o mesmo , e a Cruz era a mesma , ou respeitando o Pretorio , trazendo-a desde là em o hombro : *Bajulans sibi Crucem* , ou respeitando o Calvario , tendo-a alli em os braços : *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto , ita exaltari oportet filium hominis* , &c. como se attribue a si os seus triunfos mais com a Cruz , respeitando o Calvario , que respeitando o Pretorio ? Ora dizey-me : Que predicado , ou que nome deo à Cruz Simeaõ ? E quando se poz o nome deste Principe na Cruz ? O predicado , que Simeaõ deo à Cruz , foy o nome de espada : *Tuam ipsius animam pertransibit gladius* ; e quando na espada da Cruz se poz o nome deste Principe Lusitano , deste Heroe Portuguez , naõ foy no Pretorio , foy sim no Calvario : *Imposuerunt super caput ejus : Hic est JESUS.*

Como pois este Heroe Portuguez , este Senhor Lusitano : *Quandiu sum in mundo lux sum mundi : Tubal , id est , orbis* , tinha na espada o seu nome , ou tinha no seu nome

Joann.
19. 17.

Idem 3.
14.

Lue. 2.
35.

Matth.
27. 37

Joann
9. 5.
Vieir.
tom. 12.

nome a sua espada : *Gladius est verbum Dei . . .*
uocatur nomen ejus verbum Dei, mais em o
Calvario que em o Pretorio, eis-ahi ao nos-
so intento o motivo, por que conjectura o
meu discurso, que havia de fazer-se Se-
nhor de todos, e triunfar de tudo o mais por
meyo da Cruz, ou da espada : *Tuam ipsius*
animam pertransibit gladius, respeitando o
Calvario que o Pretorio : *Cum exaltatus fuero*
à terra, omnia traham ad me ipsum. Logo
se o Senhor D. Francisco era hum Heroe
taõ valeroso, e alentado, sobre ser hum
Infante Irmaõ delRey nosso Senhor, com
muita razaõ pôde conjecturar o nosso re-
ceyo, que se requinte de tal sorte na perda
deste Irmaõ a dor delRey, que exceda sem
comparaçaõ a pena de David em a morte
do valeroso Principe Abner : *Plangens, ac*
lugens Rex ait.

Digo que não tem razaõ o temor para
o conjecturar assim, se supuzermos que
não falta em o temor luz da razaõ; e isto
por dous motivos : o primeiro respeitando
o valor de Sua Magestade; e o segundo o
nome de S. Alteza : o primeiro respeitán-
do o valor de S. Magestade, porque ou no
seu valor se contém o valor do Senhor D.

Apocal.
19. 13.

Francisco , ou para que Portugal alcance esta , ou aquella vitoria , como Deos nos conserve com vida a Sua Magestade , naõ nos ha de fazer falta S. Alteza.

Quiz Josué triunfar dos inimigos de Deos , que saõ os que tem por principaes inimigos Portugal , e para conseguir este troféo , pedio ao Sol , e à Lua , que parassem em seu favor : *Sol contra Gabaon ne movearis , & Luna contra vallem Aialon* , e assim o fizeraõ estes dous Planetas , porque em fim paráraõ em favor de Josué assim a Lua , como o Sol : *Steteruntque Sol , & Luna , donec ulcisceretur se gens de inimicis suis ;* mas dizendo o Sagrado Historiador , que este prodigio está escrito no livro dos justos : *Nonne scriptum est hoc in libro justorum ?* quiz eu saber como estava escrito no tal livro este prodigio , e achei que o que estava escrito naõ era que parára o Sol , e a Lua , senaõ fõmente o Sol : *Stetit itaque Sol in medio Coeli* , e isto mesmo achei escrito no capitulo 46. do Ecclesiastico : *Annon in iracundia ejus impeditus est Sol , & una dies facta est quasi duo ?* E pois se o que está escrito no capitulo 46. do Ecclesiastico , e o que está escrito no livro dos justos

naõ

Jof. 10.

12.

Ibid. 13.

Eccli.

46. 5.

naõ he que parou o Sol , e a Lua , senaõ que parou sómente o Sol , como diz o Historiador Sagrado que este prodigio de parar o Sol , e a Lua , para que Josué conseguisse aquella vitoria , está escrito no livro dos justos , e no capitulo 46. do Ecclesiastico ? De duas huma , ou naquelle dia parou o Sol , e a Lua , ou parou sómente o Sol. Se parou o Sol , e a Lua , como Salamaõ naõ faz mençaõ da Lua , senaõ sómente do Sol : *Impeditus est Sol ?* E se parou sómente o Sol : *Stetit itaque Sol* , como escreve o Sagrado Historiador que para se alcançar aquella triumpho parára o Sol , e mais a Lua : *Steteruntque Sol , & Luna ?*

Dizey-me , Senhores : Naõ temos nós já assentado que estes dous Planetas eraõ dous individuos Lusitanos , ambos irmãos , porque filhos do mesmo pay : *Fecit Deus luminare maius , ut præesset diei , & luminare minus , ut præesset nocti ?* Sim. Naõ temos dito tambem que o Planeta , e Lusitano mayor , a quem atè em as cinco letras do predicado *Maius* se lhe naõ póde negar o distinctivo de quinto , era hum irmão , que sahio à luz primeiro que a Lua?

Tam-

Tambem já o temos dito. Não dissemos finalmente que a Lua, ou que o Planeta menor era aquelle Irmaõ do Sol, que logo depois d'elle sahio à luz? Sim: tambem já o dissemos. Pois eis-ahi conciliado hum, e outro Texto, e folto ao intento o nosso reparo. Como em o Irmaõ mais velho, como em o Planeta mayor se inclue o valor do Irmaõ mais novo, o valor digo do Planeta menor, eis-ahi porque o mesmo foy dizer o Sagrado Historiador, ao que parece, que para se conseguir aquelle triumpho se poz da parte de Josué o Sol, e a Lua, do que dizer Salamaõ que se puzera da parte de Josué não a Lua, senão somente o Sol; porque para que hum Heroe triunfe, e vença, tendo da sua parte o Sol, he o mesmo que ter tambem a Lua; ou tendo da sua parte o Planeta mayor, não faz falta o Planeta menor, aquelle menor Planeta digo, que sahio à luz logo depois que nasceo o Planeta mayor: *Luminare maius, ut præesset diei, luminare minus, ut præesset nocti: Steteruntque Sol, & Luna: Stetit itaque Sol.*

Este he o duplicado fundamento para não se sentir com tanto extremo a falta do

Senhor D. Francisco, ou porque no Sol da Lusitania se contém a luz do Planeta menor de Portugal, ou porque para os triunfos de Portugal, deixando-nos Deos em ElRey o Planeta mayor, não nos faz falta em o Senhor D. Francisco o Planeta menor, isto he, aquelle grande Planeta, que sahio à luz do mundo logo depois do Sol, logo depois de sahir à luz o nosso mayor Lusitano, em fim a nossa luz mayor: *Luminare maius, ut præesset diei, luminare minus, ut præesset nocti: Steteruntque Sol, & Luna: Stetit itaque Sol.*

Tambem por parte do nome do Senhor D. Francisco, que he a segunda parte do nosso systema, deve moderar ElRey o seu sentimento. E porque? Porque sendo o nome do Senhor D. Francisco tão respeitado em a sua vida, ainda depois da sua morte ha de ser mais respeitado; e a razão he, porque em quanto vivo he sem controversia que o nome do Senhor Dom Francisco era nome de hum Principe Lusitano, que estava no estado de mortal; e depois de morto he nome de hum Senhor Portuguez, que já está no estado de immortal; e muito mais venerado, temido, e respeitado he

he o nome de hum Principe Portuguez neste, que naquelle estado.

Ex Ec-
clef.

Ibidem.

Luc. 2.
21.

D. Paul.
ad Filip.
2. v. 10.

Tornemos ao nome de JESUS, pois só a doçura, e suavidade deste nome: *Sicut mel dulce*, nos pôde adoçar, e suavizar a amargura deste dia: *Dies magna, & amara valde*. Em duas occasiões foy communicado a Christo o nome de JESUS: huma antes da morte em a Circuncisaõ, como refere S. Lucas: *Vocatum est nomen ejus JESUS, quod vocatum est ab Angelo priusquam conciperetur*; e outra depois da morte da Cruz, como insinua São Paulo: *Usque ad mortem, mortem autem Crucis; propter quod Deus exaltavit illum, & dedit illi nomen, quod est super omne nomen, ut in nomine JESU omne genu flectatur*. Noto porèm, que do nome de JESUS, communicado a Christo em a Circuncisaõ, não diz S. Lucas que tudo se lhe ha de prostrar, render, e subordinar: *Vocatum est nomen ejus JESUS*; e do mesmo nome depois da Cruz diz S. Paulo que tudo se lhe ha de subordinar, render, e prostrar: *Ut in nomine JESU omne genu flectatur*. Mas se o nome he o mesmo, e se o nomeado he tambem o mesmo; se o nomeado sempre he hum Prin-

Principe taõ Lusitano , que he todo luz :
Ille erat lux hominum : Lux sum mundi : Lu-
men de lumine , e sempre era hum Senhor
taõ Portuguez , que as suas armas saõ as
mesmas de Portugal : *In hoc signo vinces* ,
como naõ se lhe ha de attribuir este ren-
dimento , este triunfo , e esta veneraçãõ ,
respeitando-o na Circuncisaõ , e como con-
siderado em Christo depois da morte se lhe
ha de attribuir : *Mortem autem Crucis , prop-*
ter quod ?

Dou ao intento a diversa razaõ. Olhay,
Senhores, em a Circuncisaõ o nome deste
Heroe Lusitano respeitava-o no estado de
mortal , porque ainda depois da Circunci-
saõ havia de morrer este Heroe ; e depois
da morte da Cruz respeitava a este Princi-
pe Portuguez no estado de immortal , por-
que já depois da morte naõ havia de mor-
rer este Principe ; e eis-ahi ao intento por-
que conjectura a minha especulaçaõ , que
mais respeitado havia de ser o seu nome
depois da morte em a Cruz , que antes da
morte em a Circuncisaõ : *Mortem autem*
Crucis , propter quod Deus exaltavit illum ,
ut in nomine JESU omne genuflectatur. Lo-
go de primo ad ultimum se ElRey N. Se-

nhor em a morte do Senhor D. Francisco ou tem em si o valor de seu Irmaõ no seu valor, ou vê que o nome deste Senhor será mais temido, e venerado em o Mundo, quando o suppõe morto, que quando o respeitava vivo, bem se vê que nesta morte não tem a dor muita razão, para que seja mais efficaz em ElRey de Portugal do que o foy naquelle Rey de Israel; e se naquelle Rey não lhe tirou o ser David, tambem em o nosso Monarca a pezar do nosso temor ha de querer o Ceo que não lhe tire o ser da vida por mais que seja tão grande a sua pena nesta morte, que não lhe cabendo n'alma, se lhe exprima pela lingua: *Doleo super te frater mi.*

TERCEIRO PONTO.

L Astima-se, doe-se, afflige-se finalmente o Senhor D. Joaõ na morte do Senhor Dom Francisco, porque nesta morte lhe falta hum Irmaõ amigo; e sem duvida parece que deve Sua Magestade corresponder com huma singular pena a esta perda, que a julgo tambem singular; pois se lançares bem os olhos por essas Historias, assim

assim Sagradas , como profanas , achareis em humas , e outras Historias , que raras vezes são irmãos em o amor , os que são irmãos em o sangue , especialmente sendo pessoas Reaes esses Irmãos. Se lerdes as Historias Sagradas , achareis que para hum Abel não faltou hum Caim , para hum Jacob não faltou hum Esaú , para hum Amon não faltou hum Absalaõ , e até para hum Adonias hum Salamaõ não faltou ; e se descerdes às Historias profanas , achareis que hum Aristobolo foy o Caim de hum Antigono , hum Anio foy o Caim de hum Beroso , hum Tifon foy o Caim de hum Osiris , hum Dardanio foy o Caim de hum Jasio , hum Eleno foy o Caim de hum Chaonio ; e finalmente se revolveres as Historias de Hespanha , e Catalunha , Roxas vos dirá em a de Catalunha , que não faltou para hum Ramon hum Berenger ; e Marianna vos dirá em as de Hespanha , que não faltou hum Infante D. Henrique para hum Rey D. Pedro , sendo este Irmão , ainda que o morto tanto mais cruel que o outro Irmão , ainda que o matador , que delle , como refere o Author da Arte de Engenho , cantou , ou chorou assim hum

Ravif.
Text. in
officin.

Roxas.

Marian.

antigo Cisne , ainda que com paixãõ de Henriquenho :

Gracian
na Arte
de En-
genho.

*Reñieron los dos hermanos ,
Y de tal suerte reñieron ,
Que fuera Cain el vivo ,
A nõ haverlo sido el muerto.*

Sendo pois isto assim , vede se tem muito efficaz motivo para hum singular sentimento na morte do Senhor D. Francisco ElRey nosso Senhor. Apertemos mais este ponto, para que se justifique melhor a grandeza do sentimento, regulada pela exorbitancia do motivo. He a amizade , como todos sabeis , essencialmente redamação ; e assim amando o Senhor D. Francisco a ElRey seu Irmaõ em quanto vivo , claro está que ha de ser amado por ElRey depois de morto , ainda que David em as clausulas , que se seguem ao nosso thema , parece que naquelle *Diligebam* não conceda que hum Irmaõ morto haja de ser Irmaõ amado : *Sicut mater unicum amat filium , ita ego te diligebam : diligebam* diz , e não *diligo*. Mas desta reciproca uniaõ fraternal se segue huma consequencia muito pouco feliz ; porque assim como do Senhor D. Francisco , amando a seu Irmaõ ElRey em quan-

2. Reg.
1. 26.

to vivo , podiamos dizer que vivia com a sua vida , amando agora ElRey ao Senhor D. Francisco depois de morto , que havemos de dizer delRey ? Que morre com a sua morte.

Depois que para passar a Arca do Testamento pelo rio Jordão se dividio em dous aquelle rio , noto que a parte , que correo para o mar morto , e se juntou com aquelle mar , não a chama o Profeta Rey rio Jordão , senão mar morto ; não lhe chama rio , senão mar : *Quid est tibi mare , quòd fugisti?* Assim he. Mas se o rio Jordão não he mar , senão rio , como a parte deste rio , que correo , e se unio ao mar morto , não se chama Jordão , senão mar : *Quid est tibi mare?* Direy. O mar morto não foy o que buscou , e se unio ao rio ; o rio he que buscou , e se unio ao mar morto : o mar morto não buscou , nem se unio ao rio , porque para o rio não tinhão já quèda , nem inclinação as suas aguas ; o rio he que se unio ao mar morto , porque para o mar morto he que tinhão inclinação , e quèda as suas correntes ; e eis-ahi porque não se diz rio Jordão o mar morto , e se diz mar morto o rio Jordão : *Quid est tibi mare , quòd fugisti?*

Pfalm.
11. 3. 5.

Espe-

Esperay. Este nome Jordaõ he anagramma, e cuido que puro delRey D. Joaõ: na primeira, e ultima syllaba he certo que este rio de juizo: *Fluvius judicii*, tem, e contém o nome de Joaõ; e nas duas letras *R*, e *D*, que o mesmo nome de Jordaõ tem, e contém em si, no *R*, já se vê que tem huma letra, que ainda per si só significa Rey; e senaõ, diga-o a terceira letra do titulo da Cruz; e no *D*, já se vê tambem que tem outra letra, que explica Dom; pois regularmente quem tem Dom, o explica, e finala sem mais letra que hum *D*. Agora ao nosso ponto. Fugindo de si mesmo o rio Jordaõ, o rio do juizo, em fim ElRey D. Joaõ para o mar morto, isto he, para o Senhor D. Francisco, morto, porque reduzido a cinzas, e mar, porque centro de amarguras, que ha de presumir o nosso temor desta uniaõ entre o mar morto, e o Jordaõ? Que o mar morto não se diga rio do juizo, que o mar morto não se diga Jordaõ; mas sim que o rio de juizo se diga mar morto, em fim que se diga D. Francisco morto, ElRey Dom Joaõ, a quem sempre queremos vivo: *Quid est tibi mare, quòd fugisti?*

Logo com muita razão pôde conjecturar o nosso temor. Sim. Mas que pôde conjecturar? Que morre temporalmente El-Rey? Não. Que vive eternamente? Sim. Olhay, Senhores, o amor dos Irmãos, e de taes Irmãos, não he união de extremos corporeos, he sim vinculo de extremos espirituaes; não os une em quanto ao corpo, que he corruptivel, mas sim em quanto à alma, que he immortal: diga-o Jonathas, e David, aquelle Infante, e este Rey: *Con-*
glutinata est anima Jonathæ animæ David;
e sendo assim, claro está que se o Senhor Infante em quanto vivo vivia com a alma del-Rey, por ser o amante del-Rey o Senhor Infante, assim tambem El-Rey, depois do Senhor Infante estar morto, ha de viver com a vida do Senhor Infante, por ser o seu amante El-Rey: *Anima plus est, ubi amat, quàm ubi animat;* e sendo pois isto assim, he sem duvida que assim como o Senhor Infante, amando a El-Rey, vivia com a vida del-Rey huma vida temporal, assim tambem El-Rey, vivendo agora com a vida do Senhor Infante, ha de viver huma vida eterna. E queixar-se ha ainda da morte hum, e outro Irmão? Não; porque El-Rey

1. Reg.
18. 1.

Rey no affecto, e o Senhor Infante no effeito estão já vivendo na eternidade o que havião de viver em tempo; e nesta melhora de duração o pezar da morte não deve ser pezar, mas prazer; o sentimento da morte não ha de ser sentimento, senão gosto.

Joann.
14. 14.
Matth.
28. 10.

Joann.
11. 14.
15.
Ibid. 34.

Chryf.

Derão noticia ao Rey dos Reys da morte de seu amigo, ou Irmão Lazaro, pois he certo que este Senhor àquelle, que he seu amigo: *Vos amici mei estis*, trata, e estima por seu Irmão: *Nunciate fratribus meis*; e mostrou este Monarca que levava em gosto esta noticia: *Lazarus mortuus est, & gaudeo*. Resolve-se a resuscitar este seu Irmão, e amigo, e mostra sentimento: *Lacrymatus est* **JESUS**. E pois que he isto, meu Senhor, e meu Rey? Quando vos resolveis a resuscitar hum amigo, mostrais sentimento; e quando vedes a este Irmão morto, mostrais gosto? Já S. Pedro Chrysologo fez este reparo: *De quo gaudet mortuo, ipsum, cum resuscitat, tunc lamentatur*. Sim; quando Christo se resolve a resuscitar a Lazaro, vê que neste seu Irmão, e amigo se lhe acrescenta em o tempo aquella duração, que havia de ter na eternidade; e quan-

quando vê morto a este Principe , a este Senhor de Bethania , vê que se lhe accrescenta na eternidade aquella duração , que havia de ter , ou podia lograr em o tempo ; e ver hum Rey que hum seu amigo , ou Irmaõ está gozando na eternidade aquella duração , que havia , ou que podia ter em o tempo , isto não he objecto de pezar , senão de prazer : *Lazarus mortuus est , & gaudeo* : pelo contrario ver hum Rey que hum seu Irmaõ , ou amigo haja de accrescentar ao tempo aquella duração , que havia de gozar na eternidade , isto não he motivo de prazer , senão de pezar : *Lazarus mortuus est , & gaudeo : Lachrymatus est JESUS*. Logo se S. Magestade está vendo em si , e em seu Irmaõ , que huma , e outra alma , que huma , e outra vida , a sua em o affecto , e a de seu Regio Irmaõ em o effeito estão por meyo da morte gozando na eternidade aquella duração , que haviaõ de ter , ou podiaõ ter em o tempo , que se segue daqui ? Que desta morte lhe ha de resultar prazer , ou pezar ; pezar não , prazer sim : *Lazarus mortuus est , & gaudeo*.

Senhor , eu não pertendo por lisonja da inteireza da Magestade , como finge a

Saavedr.
na em-
preza
*Siempre
el mismo*

razão , ou a sem razão da politica , que não hajão em vós aquelles affectos , e effectos da natureza , que por parte do sangue , e do amor pede a irmandade ; mas fim o que desejo só he , que na morte de vosso Regio Irmão não seja a dor nesse Rey de Portugal mais executiva , do que o foy naquella Rey de Israel ; e assim se àquella Rey de Israel lhe não tirou o ser David , ou o ser da vida a morte de seu Irmão Jonathas , assim tambem , Senhor , não quero que a morte de vosso Irmão nem ainda levemente vos ameace a vida , por mais que nesta morte sinta , como El Rey David , esse Heroico , e Magnanimo Rey a perda de hum Irmão Infante , e primeiro Infante : *Tu regnabis in Israel , & ego ero tibi secundus ;* a perda de hum Irmão valeroso , e mais que valeroso : *Saul , & Jonathas . . . leonibus fortiores ;* a perda finalmente de hum Irmão amigo , e cordealmente amigo : *Dilexit eum Jonathas quasi animam suam : Doleo super te frater mi.*

Real , Religioso , e sentido Convento de Thomar , muito bem sabes que quanto tenho dito nesta Oração a El Rey nosso Senhor , teu Grão Mestre , tambem a ti o tenho

nho

nho dito ; pois a mesma perda , que sente S. Magestade na morte do Senhor Infante, sentes tambem tu em a sua morte : na morte do Senhor Infante sente S. Magestade a perda de hum Irmão amigo ; e tu em a morte do mesmo Senhor não sentes a mesma perda : Sim sentes ; porque o Senhor Infante era teu amigo , e teu Irmão ; teu Irmão , porque a Sagrada Mãe , que em final da sua filiação lhe poz o habito de Christo em o peito , he a mesma , que em o teu peito tem posto , gravado , e impresso o mesmo habito ; e teu amigo , pois te he evidente , que este Senhor sentia em algum tempo tanto a tua ruina , quanto ao presente estimava a tua melhora ; e se hum amor com outro amor se paga : *Si vis amari, ama*, fio eu da benevolencia do teu animo , e da obrigação , em que te poz este Principe , que assim como em vida foy este Senhor o teu amante , assim depois da morte não deixará de ser o teu amado , e muitas vezes amado , huma em quanto ao corpo , e outra em quanto à alma ; teu amado em quanto ao corpo , venerando-lhe as cinzas , como reliquias da Magestade , para o seu culto , e como memorias da cadu-
quez

August.

quez para o teu desengano ; o teu amado em quanto à alma , querendo , e crendo a tua pia affeição , assim por parte dos teus sacrificios , como por parte dos seus merecimentos , que este Senhor à vista de Deos está já descançando naquella patria , onde não ha terra ; naquella luz , onde não ha sombra ; naquella armonia , onde não ha dissonancia ; naquelle Paraiso , onde não ha serpente ; naquella suavidade , onde não ha amargura ; naquelle dia , onde não ha noite ; naquella duração , onde não ha tempo ; naquella milicia , onde não ha guerra ; em fim querendo , e crendo que o Senhor D. Francisco está já descançando com Deos naquelle Reino , naquella Cidade , e naquella Corte , onde o não he não , onde o fim he fim , e onde a paz he paz , e onde *mors ultra non erit , neque luctus , neque clamor , neque dolor erit ultra , quia prima abierunt. Amen.*

Matth.

5. 37.

Jacob.

5. 12.

Apocal.

21. 4.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

F I M.

